

COMMERCIO DO MINHO

4.º ANNO 1876

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 559

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$000 rs e sendo duas 3\$600 rs.—Semestre 1\$050 rs.—Brazil, anno 3\$600 rs.—Semestre 1\$900 rs. moeda forte, ou 8\$000 reis e 4\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 2% d'abatimento.

BRAGA—TERÇA-FEIRA 24 DE OUTUBRO

Londres, 14 de Outubro, 1876.

(A' redacção do «Commercio do Minho»)

A seguinte carta, que foi ao *Apostolo* na sua data, parece-me valer a pena de ser lida pelos Catholicos de qualquer paiz; pois o assumpto de que trata os interessa a todos, como membros que sam do mesmo corpo mistico e universal. Contem a chave capital da politica Inglesa, e por meio da qual, ainda mais que pelo interesse commercial e pecuniario, a mesma politica se entende e explica.

A. R. SARAIVA.

Londres, 6 de Setembro, 1876.

(A' redacção do «Apostolo».)

I.—Em 29 do passado, apresentou o *Times*, no seu primeiro artigo capital ou directivo curiosas idéias e reflexões a respeito da eleição do novo Pontífice, que segundo a natureza das cousas e a ordem da Providencia, não pode deixar de ter lugar dentro de alguns annos—oxalá que só passados muitos ainda!

Não deixa no meu entender, de ser notavel a maneira porque aquelle inveterado inimigo do Catholicismo e do Papa, adianta as suas idéias, com uma certa moderação forçada, que indua ainda respeito maior pela Igreja e pelo Pontificado do que o mesmo Protestantissimo papél desejara ter. É isto, quanto a mim, symptoma de que o papél e a opinião anticathólica por elle representada, reconhecem, que esse Catholicismo, esse Papa, essa Roma tão aborrecida pelo Anglicanismo (cujos ardentissimos desejos são o tomar no mundo a posição della como cabeça e directora moral e espirital delle), possui ainda vigor e poder demaziado, não obstante os golpes que ha 50 annos continuamente o mesmo Anglicanismo lhe dirige e machuca para morrer e ser supprimido tão prompto.

Diz, pois, o *Times* que tem havido ultimamente muitas deliberações e considerações, para ver como se ha de effectuar uma nova eleição de Pontífice que atenda aos interesses da Igreja (em contraposição, já se entende, aos do Protestantismo e da maçonaria que hoje ás claras trabalham de mãos dadas). Conhece-se isto perfeitamente pelo cuidado que têm os orgãos Protestantes, e com especialidade o *Times*—que se contradiz em tudo e vira-de-bordo segundo lhe faz conta, salvo no que possa ser contra o interesse da Igreja Catholica—em não usar que se use outro nome a respeito do Catholicismo senão o de *Ultramontanismo*. Sendo curioso, como por toda parte, e muito especialmente entre a ridicula pedreira da Portugueza e Brasileira, immediatamente se adopta, com ávido servilismo, a nomenclatura assim dictada pela folha Inglesa.

Esta espécie de moderação hypocrita do *Times* tem por objecto ver, se fazendo assim, segundo a expressão proverbial Franceza, *pate de velours* illude certos Catholicos de guelias largas, fazendo-lhes crer, que o que convem é procurar um novo Papa «conciliador», que afague o liberalismo pedreiro, approve todas as usurpações Italianas (obra muito mais do Protestantismo Ingles que o Liberalismo Italiano mesmo), e ajude a preparar assim a predominancia do Anglicanismo no mundo, acima do Catholicismo Romano.

É muito curioso, como sendo todos os actos de espoliação, de usurpação, de roubo descarado, á Igreja e aos outros Soberanos legitimos de Italia, claro como a luz do dia; perpetrados até com a maior aleivosia, traição e hypocrisia, mesmo contra um Principe e Governo, que confessadamente nada tinha de oppressor (em Toscana), a imprensa Protestante Inglesa, nunca achasse uma palavra senão de elogio aos ladrões e usurpadores, e de menoscabo, desabono, condemnação, dos Principes e Governos Legitimos!

Lord Normanby, Liberal, Whig, que tinha sido Ministro, com Lord J. Russel, Palmerston e os outros Liberaes decidi-

dos aqui, foi ser depois o Representante de Inglaterra em Florença (assim como em Modena, ao mesmo tempo). Tinha por collega em Florença o celebre Buoncompagni, Representante do Piemonte e de Victor Manoel, sobrinho este do Duque de Toscana. Quando, por occasião do novo anno, o corpo Diplomático veio á Corte fazer ao Grão-Duque os cumprimentos de nova entrada de anno, Buoncompagni deixou em sua casa, da Legação Piemonteza, os conspiradores que com elle estavam preparando a revolta, e a expulsão do Grão-Duque, tio de Victor Manoel; e depois das mentirosas e descaradas congratulações ao tio deste ultimo, junto de quem estava acreditado, voltou a casa, a preparar, com os demais conspiradores, a insurreição da canalha e a expulsão do Grão-Duque!

Lord Normanby, voltando para Inglaterra, não só denunciou como ellas mereciam estas infamias Piemontezas, na Camera dos Lords, mas publicou-as, e attestou-as com seu nome, em um escrito que fez publicar, e que eu aqui tenho. Pois, apesar de tudo isto, a imprensa Inglesa não-catholica, jamais achou ou proferiu uma expressão da censura ou reprovação para todas estas infamias e traições.

O *Napoleão Pequeno* foi a Italia ajudar primeiro o Piemonte contra a Austria, animado d'aqui, e contando, que, com o o serviço que fazia ao Protestantismo e á Maçonaria, encetando assim as usurpações que se seguiram, se preparava aqui um apoio e protecção que lhe haviam de ajudar a manter no throno de França a sua dynastia. O *Times* que até então não encontrava linguagem assás vituperiosa para atacar ao mesmo Napoleãozote, começou então logo a encontrar-lhe dotes e qualidades prestantes; e d'ahi em diante trocou em agua-de-rosas a lama e lodo com que d'antes o cobria a cada instante. Tudo isto, no fundo, não era mais, que a apreciação da conducta, pessoa, etc., do Napoleote, não pelo que elles mereciam aos olhos da justiça e da razão, mas, pelo que eram aos do interesse Pro-

testante; cujo odio entranhavel e constante aos Borbons legitimos, tem a sua raiz no interesse que a França legitima sempre tem pela Igreja Catholica e pelo Pontífice, como seu Chefe e representante.

A. R. SARAIVA.

(Continúa)

A respeito da demolição do mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, recebeu ainda a «Nação» o seguinte:

Quinta d'Anta, 11 d'outubro de 1876.

Meu caro D. Jorge

Outra carta *glacial*. Tenha paciencia. Ahi vae o segundo excerpto, que transcrevi dos artigos do sr. A. *Herculano*, no «Panorama» de 1839.

Vamos a ver se estas dózes de gelo conseguem apagar o fogo do «Tribuno Popular».

O que, em todo o caso, conseguirão as palavras de homens tão illustres como *Garrett e Herculano*, é demonstrar que, se o brado contra os homens do alviao e do camartello, é protesto a favor dos frades, o meu pequenissimo brado, apesar de tudo, fica em muito boa companhia.

J. DE LEMOS.

«Transportae-vos com a imaginação para o interior da egreja, nas horas em que os canticos e o incenso se alevantam ante o altar, em que o orgão solta as suas harmonias melancolicas; em que a nave está cheia de povo, e o sacerdote resa por elle, e com elle; na hora em que o sol reflecte pelas pedras, que o tempo amareleceu, uma luz viva, mas suave, imaginae essa hora, e vereis que nos foi mui facil não despovoar o templo quando despovoavamos o mosteiro.»

«Ainda tambem, pela alta noite, as lampadas, penduradas ao longo da nave, ou brilhando na escuridão das capellas,

8

FOLHETIM

DR. J. M. DE HACEDO.

OS DOIS AMORES

ROMANCE BRAZILEIRO

VOLUME I

III

A tia de Celina.

[Continuação]

—Uma vida como essa não podia ser por muito tempo carregada. Eu via Henrique ir definhando pouco a pouco, como um arbusto que vae morrendo com suas folhas já murchas, e suas flores cahindo: tive mil vezes vontade de lançar-me a seus pés e pedir-lhe que vivesse; veio-me mil vezes aos labios a confissão do amor que eu lhe votava; mas bemdito seja o amor do homem virtuoso! aquelle nobre silencio do mancebo, aquelle santo respeito com que elle me tratava, aquella fidelidade que elle tinha a meu marido, me sustiveram na posição de esposa honesta. Emfim, Henrique teve tambem medo de si, e fugiu nos...

—Fugiu?...

—Sim, ha tres annos; seis mezes an-

tes da morte de meu marido, Henrique partiu para França. O que se passou no dia em que elle nos deixou, não posso bem descrever; sei que eu estava só quando Henrique veio despedir-se; sei que nenhum de nós pronunciou uma unica palavra, que não podesse ser proferida em vez alta diante de todos; mas sei tambem que apesar d'isso, elle levou a certeza de meu amor, e deixou-me a certeza do seu; e lembro-me emfim, que n'esse mesmo dia meu pae me pediu de joelhos, de joelhos, Celina, que tivesse piedade de meu marido, e de seus caçados annos!...

—E agora?...

—Agora, Celina, tu m'o perguntas?... exclamou Marianna com novo arrebatamento de prazer: agora eu o amo como d'antes, ou mais ainda; eu quero ser d'elle; eu o amo, ouviste, eu o amo!

—Comprehendo; mas...

—Mas o que?...

—É que o teu prazer, Marianna, se mostra hoje tão grande como a distancia que te separa de Henrique.

—Oh! não! graças a Deus, Celina, elle chegou... desembarcou hontem, e hoje escreveu a meu pae, pedindo licença para visitar-nos: vê... lê commigo a sua carta.

Marianna tirou do seio um bilhete todo perfumado, e tres vezes o leu a Celina.

—Portanto hoje mesmo devo tornalo a vêr! Ah Celina, se eu podesse fazer-me mil vezes mais bella!... porque eu amo... muito... muito... tanto, que seria capaz

de dar a vida por elle, e capaz de matar a mulher que se atrevesse a amal-o!

A Bella Orfã, ingenua, innocente, sem ter jámais experimentado esses sentimentos desabridos e perigosos, que fazem falar com a vehemencia com que fallava Marianna, olhava para esta, atonita e sem se atrever a pronunciar uma só palavra.

E tambem a viuva aprazia-se d'aquelle silencio: quem ama e falla do seu amor, estima não ser interrompido, gosta de discurrir horas inteiras repetindo mesmo o que já disse mil vezes, e começando de novo a historia que exactamente acaba de contar.

Finalmente Marianna sentiu que já tinha o coração mais leve, ergueu-se, e abraçando ainda Celina, exclamava:

—Eu sou feliz! immensamente feliz!...

Quando um escravo appareceu á porta da sala, e annunciou o sr. Henrique, Marianna deixou-se cahir de novo no sofá; e foi só depois de alguns instantes que disse com voz muito trémula e commovida:

—Que entre.

Levantou-se a custo para receber o antigo amante.

Era um homem alto e bello; seus olhos pretos lançavam olhares brandos que condiçiam perfeitamente com o sorrir meigo e um pouco melancolico de seus labios: tudo n'elle era nobre e sério: tudo n'elle desafiava sympathia: bemfeito, trajando com gosto; mas sem extremar-se em modas: era emfim um bello homem; um cavalheiro completo.

Entrou perturbado e tremulo, como estava Marianna.

Depois dos primeiros cumprimentos disse com visivel commoção:

—Cheguei hontem, senhora, e meu primeiro cuidado foi correr a depositar meus respeitoes aos pés da viuva do meu melhor amigo.

—Obrigada, senhor, respondeu Marianna a tremer; é muito lisongeiro para mim que me coubesse aqui o seu primeiro cuidado. Vejo que se não esqueceu de nós...

—Oh!... nunca!... exclamou o mancebo animando-se.

—E tambem nós, senhor; nunca!...

Sem se poder explicar a razão, Celina sentiu-se, por seu turno, perturbada, começou a corar muito, e conheceu que não podia ficar alli mais tempo.

Aquella scena de amor, como que offendiua sua innocencia de virgem. Ella ergueu-se, e disse a Marianna:

—Devo mandar participar a meu avô a visita do senhor?...

—Sim; murmurou a viuva.

Celina deixou a sala.

Henrique e Marianna ficaram a sós por cinco minutos. Marianna não era mais uma senhora casada

Quando, no fim dos cinco minutos, entrou na sala o avô da Bella Orfã, Marianna já sabia que tres annos de ausencia não tinham podido arrefecer a paixão ardente que lhe votava Henrique.

Era um amor que recomeçava.

(Continúa)

como em céu profundo uma estrella solitaria, despedem seus raios frouxos, que vão quebrar-se por campos, onde se leem letreiros semi-gothicos, que conservam os nomes dos que vieram repousar das lidas da vida á sombra da cruz: lá estão os sepulchros de Gil e Martim d'Ocsem, cuja voz era como uma inspiração de cima nos conselhos dos reis: lá alvejam os jazigos do infante D. Affonso, filhos de D. Affonso 4.º, e o de Fernando Sanches, a quem o nosso eloquente Luiz de Souza chamou bastardos queridos de D. Diniz: por ali dormem muitos pobres frades cuja vida não foi invejada. Ossos dos que foram grandes na terra, ali jazem misturados com os dos que são grandes no Céu; veneravel é o tempo, solemne é a oração que lá se pronuncia; porque as testemunhas que a ouvem são respeitaveis!... Mas a porta da antiga igreja range nos seus gonzos de bronze: vae abrir-se de par em par: as ondas de povo vão precipitar-se aos pés dos altares: o sacerdote vae entoar o hymno do sacrificio, acompanhando pela voz do órgão. Entrae...»

«Não.—O velho templo é um patheiro do commissariado!!!...»

«Maldicto o que escarnece de Deus!»

«Na parede contigua ao rico presepe da Cartuxa de Laveiras, que tantos primores de escultura encerrava, e que foi despedaçado depois da suppressão do mosteiro, escreveu um praguento, que visitou aquelle edificio, a seguinte inscripção: *Tractado de filosofia do seculo 19.º* Qual seria o letreiro que elle poria sobre a filosofico palheiro de Santarem? Provavelmente o seguinte: *Cada geração depositou aqui objectos que lhe eram mais caros.....*»

«Não succederá, em geral, aos vereadores das nossas camaras o que succedeu ao astrónomo, que embebido, em suas contemplanções não viu o barranco em que se despenhou. Onde ha um monumento que derrubar, eil-os a afoar os caminhos, viellas, e encruzilhadas, e desgraçado do velho edificio, se encontraram alguma barraca, ou fojo, que accendesse a sua raiva niveladora!—Lá começa a torre, o castello, o templo, o palacio, ou a muralha, a desabar: o relevo gothico, o fuste ou capitel da columna, o cippo romano, o letreiro de sepultura christã, são quebrados, mettidos entre as outras pedras de calçada; os carros, as cavalgaduras, e os vereadores passam tranquillamente sobre os ossos do passado, sem que para facilitar o transito de tão respeitaveis personagens seja necessario arrancar o musgo ou os cogumellos, que vegetam pelas pedreiras visinhas.»

«O celebre Hogarth, que tão bem aproveitou para os seus deliciosos quadros as scenas de caricatura que offerece a vida civil; Hogarth, o pintor da *Eleição popular*, do *Rabquista*, da *Platêa*, do *Madraco*, e até dos estragadores da sua famosa arte, perdeu muito em não viver hoje para vir dar uma volta pelo nosso Portugal; o seu mais ridiculo quadro seria d'uma sessão de certas camaras municipaes * em que se decidisse a morte d'um velho monumento.»

«Imaginemos cinco, ou seis, ou mais figurões, sentados á roda de uma banca, fallando sem juizo, sem decencia, e até sem grammatica, sobre os melhoramentos, e proveitos que devem resultar ao municipio da ruina de qualquer antigo edificio. Lá se levanta um d'elles, gordo, vermelho, e calvo; é o Demosthenes do Conciliabulo, aprendeu a soletrar pelas traducções do Contracto Social, e do Compadre Matheus; um palacio, um muro, uma igreja d'eras remotas fazem-n'o estremecer de horror: em cada ameia de castello deserto lhe parece enxergar um cavalleiro coberto d'armas ferrugentas, ouvir as badala das da campa feudal ressoar sobre o arco da torre de menagem. Quizera que das instituições da meia-idade, nem sequer restassem mudos documentos, porque o mesquinho na sua ignorancia cre que o feudalismo, absolutismo, monachismo, e mil ismos, que elle não sabe o que são, mas sabe serem cousas mui feias e carregadas, pôdem voltar outra vez.»

«Com as bocças semi abertas os cidadãos vereadores o escutam: a eloquencia do orador é como a de Mirabeau: poderamos chamar-lhe o que o poeta Barthélemy chamou ao homem da grenha hirsuta, *furacão de carne e osso*; os animos com-

* «De nenhuma em particular fallamos; homens de juizo ha-os por toda a parte; e quantos vereadores se acharão, pelo reino, que lamentem, como nós a ruina dos monumentos!»

movem-se: os cabellos arrepiam-se: a sentença contra o monumento vae ser fulminada: ha um instante de terrivel silencio: o presidente pede votos: a terra! diz o homem da calva: a terra! vão repetindo com voz solemne os outros membros do Sanhedrim.»

«Então o secretario lavra o fatal acordam: por entre aquellas letras, logo amarellas á nascença, e escriptas com penna de Perú, se levanta no meio de cada palavra uma letra capital, em que as antecedentes e consequentes parecem apoiarem-se. Acabou-se enfim a primorosa composição: o erudito secretario estende o papel ao respeitavel presidente, que embebido no intimo gozo de ter feito um bom serviço á patria, o recebe virado, e lhe lança no topo com um ademan desdenhoso, a cruz do seu signal: passa aos outros juizes a tremenda escriptura: o calvo, que já soletra, vê o erro do presidente, mas não ousa offender o seu pundonor litterario; escreve em logar competente o proprio nome, e feito isto em menos de meia hora, os outros dignos membros da municipalidade plantam debaixo da garatuja do Mirabeau villão um ondeante calvario. Torre, muro, paço, ou quer que és, cuja ruina foi decretada, para ti já não ha salvação!»

«Que o trovador dos tempos passados componha o seu hymno de morte, ao som dos camartellos do progresso e da civilização! Nos teus lanços desconjunctados, no teu cimento desfeito, nas tuas pedras estouradas, nos teus fundamentos revoltos, foi logo escripta, a ponta de picão e de alavanca, a palavra atrocissima, a terra! extraida do calvario municipal. O solo sobre que pezavas havia seculos, desassombado de teu vulto enorme se converterá em um aprasivel soalheiro, e soalheiros são hoje objectos de primeira necessidade no abastado Portugal.»

«As cruces traçadas pelos vereadores nos fizeram lembrar de certo vandalico, e ainda que este seja um dos de menos monta, sairá a terreiro, já que tomou a dianteira na serie das nossas idéas. Junto á igreja de S. Francisco, na parede á porta que dá entrada para a Bibliotheca Publica e para a Academia de Bellas Artes, estava pregada uma cruz, com uma lagem por baixo, onde se lia, que essa cruz fóra feita de um pedaço de mastro de certa nau, que, em uma viagem da India, estivera a ponto de se perder, e que fóra salva por intercessão não nos lembra de que sancto.....»

«Esta pobre cruz, que a ninguem fazia mal, que não affeava os alinhamentos do progresso, que não servia para calçar ruas, foi arrancada d'alli, talvez para se metter na fornalha. Mas para que se deixou a pedra da inscripção?—Arranque-se tambem: parta-se em pedaços; enterre-se em um cavouco. Certo é que estamos livres da cruz; mas a pedra ainda nos fallava das epochas em que nossas náus se affrontavam com as procellas do mar da Africa e da India, e isso eram tempos de superstição, tempos em que dos mastros das náus se tirava o symbolo da fé christã: hoje um ex-voto semelhante fóra impossível; porque até a palavra *náu* é um archaismo. Apaguem-se, pois, todos os vestigios da nossa antiga barbaria: sejamos dignos d'este seculo luminoso; e a posteridade fará inteira justiça á nossa honrada memoria...»

«Infamia!».....
A. HERCULANO.

GAZETILHA

Fallecimento.—Depois de pomposissimos officios funebres, que tiveram logar no magestoso templo dos Terceiros, deu-se ante-hontem á sepultura o cadaver do sr. Domingos de Carvalho, honrado negociante, socio da respeitavel firma Carvalho & C.ª

Deixou testamento cerrado, feito ha annos, no qual institue herdeiros seus primos, os snrs. Carvalhos, e usufructuaria sua ex.ª tia a sr.ª D. Rosa de Carvalho. Consta que havia feito um outro testamento, que não approvou, no qual instituia os mesmos herdeiros, fazendo além d'isso varias deixas, como lembranças. Era talvez o decano dos actuaes negociantes desta cidade.

Era um anção venerando e bemquisto. A honrada familia Carvalho os nossos sentimentos.

A «Barboleta».—Recebemos o n.º 2 do vol. 2.º da «Barboleta», que vem cada vez mais interessante.

Almanak legitimista.—Fomos brindados com um exemplar d'este almanak para 1877, 1.º anno da sua publicação.

Annunciar-lhe a apparição equivale á sua recommendação a todos os catholicos, porque a todos interessa.

O seu preço é de 160 reis, e vende-se no escriptorio da «Nação», Lisboa.

A «Epoca».—Com este titulo começou em Guimarães a publicar-se um novo jornal, que se propõe advogar os interesses da Religião Catholica.

Damos as boas vindas ao collega, desejando-lhe infinitas prosperidades.

Antes assim.—Erradamente informados, demos ha dias noticia de ter sido roubado na Povoia do Varzim, um dos estabelecimentos d'ourivesaria, que naquella villa tem o snr. José Ribeiro Carramillo, do Porto.

Em uma carta, porém, que temos presente, affirma-nos este cavalleiro que tal noticia é felizmente destituida de fundamento.

Antes assim.

Missão.—O bem conhecido missionario, o revd.º padre Luiz Augusto Rodrigues Vianna, abriu na freguezia de Ferreiros, comarca de Amares, uma missão para os povos d'aquella freguezia e limitrofes.

Que a todos aproveitem os esforços do zeloso ministro do Senhor, são os nossos votos.

Festividade na freguezia de Ferreiros, comarca d'Amares.—No passado domingo effectuou-se na freguezia de Ferreiros, da comarca d'Amares, uma pomposa festividade a N. Senhora do Rozario.

A missa solemne foi celebrante o non-conterraneo e amigo o digno e sollicito abade d'aquella freguezia. Orou o muito illustrado abade de Sabariz, que se houve brilhantemente. O discurso de s. s.ª foi, em verdade, primoroso e persuasivo, e sempre exornado das mais bellas flores da eloquencia. Felicitando o illustrado sacerdote, felicitamos igualmente os parochianos de Sabariz, que tão dignamente s. s.ª pastoreia.

Questão do Oriente.—São singulares as noticias telegraficas com respeito á questão do Oriente. A Russia prepara-se para intervir isoladamente, ao que parece, forçando a Turquia a fazer o que ella quizer; e a Inglaterra parece querer deixal-a intervir, cruzando os braços até mais ver.

Não ha razão alguma, opina o conselho de ministros, para a Inglaterra intervir na guerra entre a Russia e a Turquia. Por seu lado, a França toma attitude passiva, e faz extra-officialmente identica declaração, sem que impeça uma e outra o celebre tratado de Paris, até agora tão citado. O que explica esta attitude? Será a aliança dos tres imperadores, em que os jornaes agora tanto insistem? Com o assentimento dos seus alliados ou sem elle, a Russia enviou pelo general Ignatieff á Turquia uma notificação, de certo resultado da conferencia da Lavidia, ao que póde decidir a questão, diz o telegrafo. E' uma intimação formal, de certo. Qual será o seu resultado?—pergunta o *Diario de Noticias*.

Guerras na Africa.—Chegam-nos por diversas vias informações summamente graves acerca das guerras que actualmente agitam diversos pontos da Africa oriental e occidental nas visinhanças dos dominios da corôa de Portugal, cuja integridade é necessario zelar e garantir em momentos de tanta agitação. Por essas informações verão os leitores quanto nos interessa estar ao facto do que se passa em Dahomey, em cuja costa está encravada a nossa fortaleza de Ajudá; e no Transwaal, que demora a pouca distancia de Lourenço Marques, aquella invejada Dalagoa Bay dos inglezes. Por diversos caminhos se vae a Roma e a destruição da republica dos boers, tão nossa amiga e alliada, póde preparar a ruina de Lourenço Marques, diz o «Diario de Noticias».

—A sublevação dos indigenas na fronteira do Transwaal.—São de 23 de setembro as noticias que temos do Transwaal. Augmentára o encarniçamento na guerra d'aquella republica. Formaram aliança o rei de Zulu, Cetchwayo e outros chefes, mas ainda não tinham tomado nenhuma acção decisiva. Fóra tempestuosa a sessão na camara de Transwaal, para votar um pesado imposto de guerra. O governo do Natal recusou enviar forças para proteger os mineiros, mas prometteu

intervir se for necessario. O «Cape Argus» diz que as cousas em Transwaal apresentam mau aspecto, e o governo apparentemente está a cair. Os subditos inglezes, residentes em Transwaal, pediram ao governador Barclay, do Cabo da Boa Esperança, protecção, porque em conformidade com a lei do alistamento estrangeiro, approvada na camara do Transwaal, negavam-se a fazer serviço militar n'aquella republica.

Muitos dos sublevados dos districtos dos diamantes vieram juntar-se ás forças do presidente Burgers, attrahidos sem duvida pelo engodo da insinuada pilhagem ou saque. O capitão von Schlickmann, hollandez, tinha organizado um corpo de voluntarios para extinguir a insurreição e occupar Steelport e River Fort. Estas forças já tiveram alguns combates com os secocoenis e destruíram varias povoações.

Os voluntarios commettiam impunemente grandes atrocidades, roubando, matando mulheres e creanças, e destruindo as plantações.

Escrevendo para o «Independent», do Cabo, o capitão hollandez não negava o facto das atrocidades, mas que seria impossivel evitar a morte das mulheres, por quanto a 400 metros de distancia, n'aquellas paragens, as mulheres não se differenciavam dos homens.

Os secocoenis enviaram uma nota ao capitão Schlickmann affiançando que a presente guerra não era contra os europeus, mas contra os boers do Transwaal; ao que o capitão respondeu que o intento era sómente acabar a insurreição, e ameaçou com a morte os portadores de qualquer outra missão, da qual não resultasse a inteira submissão dos insurgentes.

Na camara de Transwaal o presidente Burgers disse que era urgente reorganizar o exercito da republica, e estabelecer uma força para vigiar as fronteiras; e prometteu apresentar á camara a correspondencia com o governo inglez acerca da questão da confederação.

O commercio em Transwaal está paralisado. Tem havido fallencias e esperavam-se mais.

Os secocoenis continuavam a queimar e roubar os districtos de Leydenberg.

Em geral, a imprensa da cidade do Cabo censura os actos voluntarios e mercenarios do capitão Schlickmann e diz ao governo inglez que intervenha nos negocios da republica para regularisar o seu estado de desorganização, visto que o governo do Transwaal não tem meios nem homens seus para continuar a guerra.

—Lula em Ashantee.—Um telegramma da Africa occidental diz que rebentou nova guerra em Ashantee o que as tropas de Coffee Calcilli foram derrotadas e esse chefe ficou prisioneiro dos mensaties.

—Bloqueio de Dahomey.—Continua com rigor o bloqueio de Whydah. O commodore Hewett esperava novas instrucções do governo inglez. Fallava-se de que da questão com o rei de Dahomey resultaria a guerra com a Inglaterra e a França. O que se julgava da maior difficuldade era o modo de resgatar os europeus, que ainda se acham em refens n'aquelle paiz.

As correspondencias de Africa oriental dizem hontem tabem que se receia em Lourenço Marques algum ataque á nossa colonia, por parte dos cafres. Confirma-se infelizmente a noticia da morte do sr. Paiva Raposo, assassinado pelos indigenas, conforme ha dias noticiámos.

—Os habitantes do districto de Quilimane solicitaram do governo a creação de um corpo de 600 praças, receiando da emancipação que vae ser dada aos libertos na provincia de Moçambique.

Descoberta curiosa.—Na communidade de Bérus, perto de Alençon, andando uns operarios a construir a estrada vicinal da aldeia de Bérus a Arçonnay, descobriram uma duzia de esqueletos muito bem conservados e remontando a uma alta antiguidade. Os ossos são d'um tamanho descommunal; principalmente um craneo é de dimensões espantosas.

Estes esqueletos estavam collocados em terra n'uma ordem particular; mas tinham a cabeça voltada para o Oriente, outra para o parte, protegidos á direita e á esquerda por duas grandes pedras; alguns estavam rodeados de tres pedras.

Foi tambem encontrada uma medalha, quasi completamente gasta; lêem-se-lhe apenas as letras BAN.

Instrução primaria.—Por despachos de 14 do corrente mez:

Districto de Braga:
João Correia Portella, professor vitalicio da cadeira de ensino primario da freguezia de S. Pedro de Valbom, concelho

de Villa Verde — transferido para a de Adaufe, concelho de Braga.

José Gonçalves Neiva — provilo, por tres annos, na cadeira de Farelães, freguezia de Viatodos, concelho de Barcellos.

Luiz Augusto Barbosa — idem na de Roriz, concelho de Barcellos.

Districto de Vianna do Castello:

Joaquim Frmino de Abreu, habilitado com o curso da escola normal de Lisboa — provido, por tres annos, na cadeira de ensino primario de Punhe, concelho de Vianna do Castello.

José da Costa Lima — na de Ganfey, concelho de Valença.

José Joaquim d'Araujo — idem na de S. João de Nogueira, concelho de Vianna do Castello.

Manuel Lopes Matheira, habilitado com o curso da escola normal de Lisboa — idem na de Aflife, concelho de Vianna do Castello.

Os inglezes, nossos «feis alliados». — O «Jornal das Colonias» publica a seguinte carta do sr. Thomaz Ribeiro:

«Ilm.^o e exc.^o sr. ministro do ultramar e dos negocios estrangeiros.

«Interrompendo uns estudos que a respeito das nossas possessões no ultramar tenho publicado n'este jornal,ousei proporcionar-me a distinctissima honra de me dirigir a v. ex.^a a respeito da questão que na actualidade me parece mais grave para nós.

V. ex.^a sabe que o pseudonimo com que subscreevo o meus artigos n'este jornal, se porventura, alguma vez os leu, substitue o nome d'um homem que é amigo sincero, partidario leal, respeitador e admirador convicto de v. ex.^a e que sabe fazer justiça ao patriotismo, á illustração e á energia de caracter de que v. ex.^a tem dado provas, mais que sobejas, em todos os seus actos e em todos os seus escriptos. Já vê que o procuro como amigo e amigo que não receia suspeitas.

«Atém-te á Virgem e não corras»

ou aquelle modilho hispanhol:

«Venieron los sarracenos
y nos molieron a palos,
que Dios ayuda a los malos...
quando son mas que los buenos.»

Desculpe v. ex.^a se o fiz sorrir com recordações poeticas, tão da índole de v. ex.^a; e não lhe peze, que se:

«não fazem damno as muzas aos doutores»

tambem o não fazem aos ministros. Dou a v. ex.^a por testemunha.

Quaes são os nossos alliados, sr. ministro dos negocios estrangeiros?

Bem sei, aponta-me a Inglaterra.

E que espera v. ex.^a d'ali, sr. ministro do ultramar?

Deixemos o passado que é monstruoso, especialmente desde a cedencia de Bombaim; direi apenas de passagem que nunca d'elles houve senão damnos. No presente, que dizem a v. ex.^a a questão de Surrate? a do Zaire? a de Dahomey? e em fim a mais eloquente de todas, a guerra á ultima hora com a republica Transwal? pois aquella não é a resposta á sentença de Mac-Mahon na questão de Lourenço Marques? pois não o dizem claramente os jornaes inglezes? Não estamos presenciando a violação constante de todos os nossos direitos na Africa oriental e occidental, na Asia, e onde mais nos encontrar a garra do Leopardo?

Não venho dar-lhe novidades; melhor do que eu sabe v. ex.^a os factos a que me vou referir; não venho dar-lhe conselhos; fóra imperdoavel inmodestia além de escusada fadiga; venho conversar com v. ex.^a satisfazendo d'este modo as exigencias da minha saudade, visto que as infinitas occupaões do seu cargo me não consentem que o procure na sua casa e menos ainda no seu gabinete.

Sr. ministro, ha muito quem imagine que a pasta dos negocios estrangeiros em Portugal é uma exerescencia luxuosa na distribuição dos trabalhos do estado; que exceptuando aquelle gabinete onde sintillam profuzamente os placares e bugiarias destinados a exportação, podia reduzir-se o ministerio á repartição dos negocios consulares. Eu não sou d'este parecer. Os paizes como Portugal que não podem metter-se a fazer-se respeitar exclusivamente pela força do seu exercito, carecem de se amparar, mais que os gran-

des imperios, n'uma diplomacia cordata, patriótica, modesta sem ser mesquinha, e mais que tudo, ajuizada.

A não ser isto, era melhor nenhuma.

Não ousou afirmar que a nossa satisfação a todas estas condições.

Os paizes como Portugal carecem de alianças que tornem seguros e acreditaveis os interesses dos alliados. O interesse é o ladô pratico dos tratados. Isto de sympathias, de justiça social, de principios humanitarios, só por si, faz sempre lembrar o ditado portuguez:

Já nos mataram Macau (os verdadeiros tufões são elles), já nos mataram a India; tem-nos tido morta a Africa; agora, que ella parecia resurgir, lá desceu a garra, lá se renova a agonia. Que mais podemos nós consentir, sr. ministro do ultramar aos nossos feis alliados?

Isto, sr. ministro, se é uma aliança, parece um protectorado, cujos tributos de suzerania cobra a esmo, largamente e em toda a parte a Inglaterra.

Defende-nos contra as nações estrangeiras como a fera defende a sua preza. V. ex.^a não pôde consentir isto.

Quer que lhe diga todo o meu pensamento? No dia em que a Hispanha quizer negociar com a Inglaterra, os nossos feis alliados retiram toda a protecção que, por proveito seu, nos fingem dispensar no continente.

O preço do convenio hão de ser as nossas possessões, algumas ou todas.

V. ex.^a é muito illustrado para saber onde pôde procurar as alianças de que precisamos.

E. sr. ministro, precisamol-as muito, e já.

Deponho a minha esperança na fé que v. ex.^a e os seus collegas me inspiram. — Thomaz Ribeiro.

Operação delicada. — No dia 19 foi operado o filho do general Lermont para lhe ser extrahida do peito a bala, que, n'um momento de desespero, tinha mettido em si com um tiro de revolver. O projectil havia entrado no peito por cima da mamilla direita, seguira a travez dos dous pulmões, e tinha ido cravar-se na parede esquerda do peito, por baixo do braço, e abaixo da linha horizontal do buraco da entrada. Foi conhecida pela dôr circumscripta accusada pelo doente. Operou o sr. Alves Passos, com assistencia dos snrs. Valle e Marques Coelho, cirurgiões militares. A operação correu com grande felicidade para o doente, que se acha em estado de esperanças de cura. (Regeneração.)

Casa de saude. — Foram alli operados, na semana finda, 3 doentes, que estão em convalescença. Os doentes dizem maravilhas do bom tratamento e pontualissimo serviço de enfermagem e assistencia. Era tempo de que tão util estabelecimento se realisasse em Braga, onde tantos enfermos, que de longe vinham consultar os nossos medicos e aqui seguir o tratamento respectivo, se viam obrigados a residir em hospedarias, onde não pôde haver os cuidados e conforto indispensavel no tratamento das doencas. (Idem.)

Grande incendio. — Um immenso incendio acaba de destruir os armazens de Londres, conhecidos sob o nome de New-Wharf-Flour.

Estes edificios, que tinham sete andares, serviam ao mesmo tempo d'armazens de manufactura e d'ateliers; encerravam um moimho d'arroz e eram occupados por M. M. Woodbridge e Smith, que tinham em deposito, no momento do sinistro, mercadorias importando n'um valor enorme.

A's 10 horas da manhã do dia 13 a noticia de que o fogo se tinha declarado chegou ao correio de Deptford. 250 bombeiros foram expedidos logo com 20 bombas a vapor. Antes das 11 horas, os tres primeiros andares onde estavam estabelecidos os moimhos d'arroz apresentavam uma só massa de chammas e o calor era tão intenso que se recebeu um instante que o fogo se communicasse á fabrica de creozote situada a alguns metros de distancia.

Sabe-se que o orgão embebido incha consideravelmente; a agua da bomba, cahindo sobre milhares de saccos d'arroz, de trigo e de cevada, veio augmentar o volume d'estes grãos e dar-lhes assim uma força de pressão bastante sensivel para abalar as paredes, que vacillavam já sob a acção do fogo. Os lados este e norte desabaram com um fragor sinistoso em quanto que os bombeiros recusavam saltando o seu grito de *Take heed*. Ao meio dia, as chammas cevavam-se com uma verdadeira furia e atingiam o sexto andar. O immenso telhado que cobria o

deposito abateu, assim como uma parte da fachada que dava para o rio.

Os restos foram lançados sobre duas barcas que soçobraram immediatamente. Uma continha 750 saccos de grão; a outra 780. A's quatro horas depois do meio dia, o incendio não estava completamente extinto, mas já ninguém se inquietava.

Encontrou-se nos escombros um cofre forte á prova de fogo encerrando intactos os livros de commercio e valores consideraveis. As perdas cobertas por seguros, são avaliadas em 2 milhões e meio de francos (J. da Manhã.)

Grave conflicto. — Houve grave conflicto no Rio de Janeiro no dia em que se festejava o anniversario da Independencia.

Dois guardas urbanos prenderam um capoeiro na rua de Gonçalves Dias, e quando o levaram preso, ao passarem pelo largo de S. Francisco, em frente do coreto onde tocava a banda dos imperiaes marinheiros, algumas praças d'este corpo agrediram n'os no empenho de se apoderarem do capoeiro. Os guardas defenderam-se dos seus adversarios, auxiliados já por grande numero de capoeiras armados de cacetes, navalhas e pedras.

Accudiu um piquete do corpo militar de policia que conseguiu com uma carga affastar os amotinadores da frente da estação onde fez alto para a defender.

De nada serviam as louvaveis diligencias do sr. dr. chefe de policia, que, expondo a sua vida, procurava pacificar os amotinadores. Em todos os pontos do largo de S. Francisco, eram desacatados e até desarmados os urbanos que de volta do serviço se recolhiam á estação. Com a noticia, porém, de que estava a chegar uma força de cavallaria, a banda dos imperiaes marinheiros, que estava no coreto e que não tinha tomado parte no conflicto, desceu pela rua do Ouvidor, seguida por grande numero de capoeiras, que como tropeus de sua victoria, conduziam reffes, barréttinas, navalhas e pedaços de galhardetes. Apareceu afinal o piquete de cavallaria policial, que se dirigiu para o largo de S. Francisco.

Algumas praças, contra a ordem do commandante desembalharam as espadas e avançaram um pouco. O sr. dr. chefe de policia, prevendo as desgraças que um tal procedimento podia acarretar, interpoz-se entre o povo e a tropa, obrigando esta a que embainhasse as espadas, no que foi immediatamente obedecido.

Ainda assim, não foi possivel que o povo, que se achava agglomerado no largo e na rua do Ouvidor, com a precipitação da retirada, não se deixasse de atropellar, o que deu lugar a varios protestos. O povo foi pouco a pouco abandonando os logares dos conflictos e depois das 10 horas da noite estavam os animos mais tranquilos. — (Do Campeão das Provincias.)

Missa de requiem. — Germano Augusto de Moraes Caldas manda celebrar, na manhã da proxima quinta-feira, uma missa de requiem, para suffragar a alma de seu saudoso e sempre chorado pae, José Joaquim de Moraes.

Para assistir a este acto, que terá lugar no templo dos Terceiros, convida os seus collegas da classe escolar e todos os seus amigos.

Appelo á caridade publica. — Lembramos ás almas caridosas, Joanna Teixeira, viuva, de 86 annos de idade, moradora na rua de Infias n.º 85, a qual se acha entrevada ha 14 annos, e sem meios de subsistencia.

ULTIMOS TELEGRAMMAS DA AGENCIA HAVAS

MADRID, 21) — O duque de Montpensier foi visitado pelos ministros e diversas auctoridades. O duque parte segunda feira para Sevilha.

VLENNE, 20) — A «Correspondencia politica» insere um telegramma de S. Petersburgo, em data de 20, afirmando que ha perfeito accordo entre a Russia e Austria.

Crê-se que o embaixador da Russia o general Ignatieff, conjuntamente com as credenciaes, que tem de apresentar ao sultão Abdul-Hamid é tambem portador de uma notificação cujas consequencias podem decidir a situação.

Foi desmentido o boato da existencia de uma convenção entre a Russia e Rumania.

Dervisk Pachá ordenou na Albania a

leva de todos os homens de 20 a 40 annos.

MADRID, 21. — A «Gaceta» publica um decreto real ordenando a todas as auctoridades das provincias de Hespanha garantam as marcas de fabricas francezas conforme a convenção de 30 de julho, assignada pelo embaixador de Molins e ministro dos estrangeiros, francez, Decazes.

Os representantes de Portugal, Inglaterra, Estados-Unidos, Mexico, Belgica e Italia assistiram hontem á soirée Heldomaria na presidencia de conselho de ministros.

LONDRES 20 — Receben-se hontem na bolsa numerosas assignaturas para uma exposição, manifestando confiança no ministerio. A companhia de seguros Lloyd's exige um premio adicional de 10 shillings p. c. aos navios francezes e allemães que fazem viagens entre os portos do Pacifico e Baltico e os de Inglaterra. Em virtude das resoluções do conselho de ministros não haverá ultimatum como declaração indirecta de guerra nem sessão de outomno para parlamento. A Inglaterra não tem rasão alguma para intervir na guerra entre a Russia e Turquia. Comtndo o governo britanico reserva a sua liberdade de acção para o caso em que estejam comprometidos os interesses inglezes. Entretanto não se receia uma acção isolada e immediata da Russia.

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA.

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

Resumo do activo e passivo em 30 de setembro de 1876

Activo

Acções de Bancos e Com-pachias.	16:661\$00
Acções para emittir.	1.700:000\$00
Agencias	7:667\$75
Caixa	23:735\$35
Despezas d'installação.	1:627\$56
Casa forte	495\$45
Emprestimos a Camaras Municipaes.	32:610\$366
Emprestimos hypothecarios	23:168\$000
Emprestimos s. penhores.	11:235\$506
Letras em carteira	240:483\$641
Movéis e utensilios.	1:833\$675
Diversas contas devedoras	8:178\$678
Valores depositados.	3:782\$240
Creditos	10:967\$244
Accionistas	10:171\$000
Contas correntes	49:319\$163
	2:141:936\$642

Passivo

Capital.	2.000:000\$000
Credores de valores depositados	3:782\$240
Depositos a praso.	67:413\$678
Depositos á ordem.	35:358\$184
Devedores e credores ger- raes.	13:362\$512
Fundo de reserva.	1:000\$000
Ganhos e perdas.	6:732\$848
Letras a pagar.	13:277\$280
Dividendos	1:009\$900
	2.141:936\$642

Banco Commercial de Coimbra, 11 de outubro de 1876.

Os gerentes.

José Barbosa Lima.

J. Melchades Ferreira Santos.

(277) (4375)

AGRADECIMENTOS

A viuva, filhos e parentes do fallecido sr. José Joaquim d'Oliveira, não podendo agradecer pessoalmente a todos os illm.^{os} snrs. que acompanharam, e assistiram aos officios do mesmo fallecido, o fazem por este meio, protestando a todos o seu eterno reconhecimento.

Braga 18 de outubro de 1876.

(4371) Manuel Antonio d'Oliveira.

D. Anna Joaquina Branca e seus filhos, agradecem por este meio a todas as pessoas de suas relações, que por occasião do fallecimento de seu sempre chorado esposo

e pae, se dignaram cumprimental-as e consolar-as no meio da sua dôr, protestando a todas a sua eterna gratidão, e aproveitando esta oportunidade, pedem desculpa de ha mais tempo não terem dado cumprimento a este tão sagrado dever.

ANNUNCIOS

Companhia Edificadora e Industrial Bracarense

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

A reunião da assembleia geral extraordinaria d'esta Companhia, que estava annunciada para o dia 21, ficou transferida, por falta de numero legal d'accionistas para quinta feira 26 do corrente ás 11 horas da manhã.

Os Directores,

Francisco da Silva Araujo.

José Alves de Moura.

João Carlos Pereira Lobato. (4380)

ALVICARAS

Perdeu-se na cidade de Braga, no dia 18 do corrente a quantia de 100\$000 rs., sendo 20 libras em ouro, e 2 moedas de 5\$000 reis, cuja quantia estava embrulhada em papel amarrada com um fio, sendo este dinheiro perdido desde a rua Nova de Sousa, campo da Praça Municipal, campo de D. Luiz I, rua dos Capellistas, largo da cadeia até á rua do Souto; pe-de-se á pessoa que a achasse o favor de a entregar a seu dono Antonio Joaquim da Cruz da freguezia de Fonte Arcada, da Povoia de Lanhoso, ou em Braga em casa do sr. José Joaquim Dias Pereira, rua dos Capellistas n.º 19, que se gratificará.

Fonte Arcada da Povoia de Lanhoso, 23 de outubro de 1876. (4381)

XAROPE PEITORAL BALSAMICO

DE **VIEIRA**

Este xarope, depois de numerosas experiencias, foi reconhecido como eficaz na cura de todas as tosses rebeldes, bronchites, coqueluches, catarrhos e todas as affecções do peito.

Deposito na Pharmacia do Hospital de S. Marcos. (264) (4282)



CARREIRA DIARIA

Antonio Garcia, de Villa Verde, faz publico que continua com sua carreira diaria entre esta cidade, Villa Verde e Pico de Regalados. Preços e horas os mesmos. O seu escriptorio n'esta cidade é em casa do sr. Manuel de Barros, Latoeiro, Esquina do Chãos de Baixo n.º 13. Villa Verde 17 de setembro de 1876.

(4386) Antonio Garcia.

Araujo Ribeiro, do campo de D. Luiz 1.º n.º 1, faz publico que despediu os seus empregados, Custodio Augusto Duarte Costa, e Alvaro Augusto Leite Ribeiro, e previne a todas as pessoas que não se responsabilisa por qualquer divida que os mesmos façam.

Braga 1 de outubro de 1876.

NOVA PHOTOGRAPHIA

Retratos baratos — A 1\$000 rs. a duzia.

4—RUA DOS CAPELLISTAS—4

(VULGO FONTE DA CARCOVA)

Theophilo Santiago, photographo, tira retratos pelos systemas mais modernos e aperfeçoados, garantindo a perfeição do trabalho, todos os dias, das 10 horas da manhã ás 2 da tarde, mesmo com os dias nevoados. (4343)

COLLEGIO BRACARENSE

DE

S. JOSÉ

Rua do Anjo, n.º 29.

N'este novo estabelecimento ha leccionação das seguintes disciplinas, pelos professores:

Instrução Primaria, José Valério Capella.

Portuguez do 1.º e 2.º anno, padre Manuel Ribeiro de Castro, e padre José Maria Rodrigues.

Rhetorica, padre Manuel Ferreira Marnôco e Sousa.

Francez, João José Alves Xavier de Araujo.

Conversação franceza, idem.

Latim e Latinidade, Dr. João Manuel Correia.

Inglez, idem.

Allemao, idem.

Hebraico, idem.

Desenho, João José Alves Xavier de Araujo.

Grego, Dr. Patrocínio da Costa.

Italiano, idem.

Geometria, Alleres Zeferino Moraes e Motta.

Mathematica, Dr. Patrocínio da Costa.

Introdução, idem.

Philosophia, Dr. Manuel Messias Mendes Fragoso.

Geographia e Historia, idem.

Commercio, João José Alves Xavier d'Araujo, e Alleres Zeferino Moraes e Motta.

O preço de cada uma d'estas disciplinas é de 1\$000 reis por mez, á excepção de Mathematica e Introdução que é de 1\$500 rs., e a de Commercio que será de 2\$000 rs.

Haverá, além d'estas disciplinas, aula de Canto, Piano, Rebeca, Flauta, etc., de duas lições por semana, a 200 rs. por cada lição.

Os alumnos que se matricularem depois do mez de outubro pagarão, além da quantia estipulada, mais dez por cento por cada mez atrazado. (4369)

AVISO IMPORTANTE

Para os engenheiros, pharmaceuticos, medicos, dentistas, professores e outras pessoas que desejarem obter o diploma de doutor ou de bacharel de uma universidade estrangeira. Dirigir carta registada a Medicus, 13, praça do Rei, Jersey. (Inglaterra.) (31 ::)

MALA REAL INGLEZA



S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres
Aceitando tambem passageiros de 3.ª classe para SANTOS e RIO GRANDE DO SUL com trasbordo no Rio de Janeiro

MONDECO

Este paquete da Companhia Mala Real Ingleza sahirá de Lisboa em 28 de Outubro.
Para mais esclarcimentos dirijam-se á Agencia Central no Porto, rua dos Ingleses, 23—o agente Guilherme G. Tait, e nas provincias ás agencias e correspondencias nas principaes cidades e villas.
Agente em Braga o sr. João Manoel da Silva Guimarães, Rua do Souto. (V*)

DECLARAÇÃO

Manual Henriques Serrão da Veiga, declara, para os fins convenientes, que se não responsabilisa por qualquer divida que faça sua mulher D. Maria da Gloria Amalia Serrão da Veiga, pois que para isso não está por mim auctorizada. (4377)

HOGG, Pharmaceutico, 2, rua de Castiglione, Pariz, unico preparador.

PILULAS DE PEPSINA DE HOGG

Debaixo desta forma especial a pepsina he posta inteiramente ao abrigo do contacto do ar; desta maneira este precioso medicamento nem se altera nem perde as suas propriedades, e a sua efficacia he então certa.
As Pilulas de Hogg são de tres preparações diferentes:
1.º **PILULAS DE HOGG com pepsina pura**, contra as máes digestões, as azias, os vomitos e outras affecções especiaes do estomago.
2.º **PILULAS DE HOGG com pepsina unida ao ferro reduzido pelo hydrogenio**, para as affecções do estomago complicadas de fraqueza geral, pobreza de sangue, etc., etc.: são igualmente muito fortificantes.
3.º **PILULAS DE HOGG com pepsina unida ao iodureto de ferro inalteravel**, para as doencas escrofulosas, lymphaticas e syphiliticas, na phthisica, etc.
A Pepsina pela sua união ao ferro e ao iodureto de ferro modifica o que estes dois agentes preciosos tinham de muito excitante sobre o estomago das pessoas nervosas ou irritaveis.
As Pilulas de Hogg vendem-se somente, em frascos triangulares, nas principaes pharmacias.
Deposito em Lisboa, o sr. C. G. Barreto — n.º 23 e 30 — Loreto. (34 ::)

ALCATRÃO BARBERON

Unico que contém todos os principios balsamicos e aromaticos de Alcatrão de Noruega. Nos fortes calores e nas mudanças de estação, impede que a agua se corrompa: é uma bebida hygienica e preservadora de molestias epidemicas. — Dose: uma colherzinha n'um copo d'agua acrescentada a bebida ordinaria. — Preço 400 reis.

ALCATRÃO RECONSTITUINTE BARBERON. Com chlorhydrophosphato de cal. Consumpção, molestias do peito, tísica, anemia, dyspepsia, rachitismo, molestias dos ossos, das mulheres e das crianças. — Preço: 500 reis.

ELIXIR FERRUGINOSO BARBERON. Com chlorhydrophosphato de ferro. — Reconstitue o sangue sem causar o estomago. Muito agradável, digestivo e tonico. — Preço: 800 r.

FOGO BARBERON PARA OS CAVALLOS. Substitue o ferro candente sem destruir o pelo. Exito infallivel e facil applicação. — Preço: 950 reis.

Depositos: **BARBERON & C.ª**, em Châtillon-sur-Loire (Loiret), França. Em Lisboa, o sr. Barreto, r. do Loreto, n.º 28—30. (23 ::)

LECIONISTA.

Na rua do Anjo n.º 11 ensina-se a lingua franceza por a quantia mensal de 800 reis, paga adiantada. (4336)

NADA de FOGO



60 annos de bom exito

Linimento BOYER-MICHEL para cavallos, fazendo as vezes de fogo e não deixando vestigios do seu emprego MICHEL, pharmaceutico em Aix (na Provença) França. — Preço 1,000 reis. — Em Lisboa o sr. Barreto, Loreto, n.º 28—30. (25 ::)

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5

Vende papeis pintados para guarnecer salas, lindissimos gostos, a principiar em 80 reis a peça.

Vende olio, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade e preços muito resumidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade. (Z*)

RIBEIRO

CIRURGIÃO DENTISTA

APPROVADO PELA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

Largo do Barão de S. Martinho n.º 5

BRAGA.

Faz tudo quanto diz respeito á sua arte e continúa operando gratis, pobres e soldados. (22 ::)

BRAGA: TYPOGRAPHIA LUSITANA — 1876.

COMPANHIA LLOYD DE BRABAN

PARA

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

O novo e magnifico paquete—SALIER—de 3:400 toneladas, a sahir de Lisboa em 5 de novembro.



Tem estes vapores EXCELENTISSIMAS ACCOMMODAÇÕES para TODAS AS CLASSES. COSINHEIROS e CREADOS PORTUGUEZES, MEDICOS e BOTICA GRATIS assim como caminho de ferro até Lisboa. Quaesquer informações ou bilhetes de passagens podem obter-se dos agentes Haves & C.ª, rua de S. Francisco n.º 4, 2.º andar—Porto, ou dos seus agentes nas provincias. (4334)

Agente em Braga

Ricardo Malheiro Dias,

No Banco Mercantil, ou largo do Barão de S. Martinho n.º 27.

FILIAL DA CAIXA

ECONOMICA PENHORISTA
Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Capital. 500:000\$000

RUA NOVA DE SOUSA, N.º 9

(Tambem com entrada pela rua do Campo) BRAGA.

Empresta dinheiro sobre ouro, prata, joias, papeis de credito, cereaes, roupas, moveis, ferramentas, e sobre todo e qualquer objecto do valor não inferior a 100 réis.

Recebe pequenas quantias em deposito a praso ou á ordem abonando juros aos depositantes.

A caixa está aberta todos os dias desde as 9 hora da manhã até ás 9 da noite, e nos dias santificados estará aberta só até ao meio dia.

O gerente—A. G. Ferreirinha.

A' ULTIMA HORA

Aluga-se a casa n.º 48 da rua dos Chãos de Baixo, de fronteira com a hospedaria hispanhola. Tem dois andares elegantes de rica esquadria, boa loja e grande armazem.

Para tratar na mesma. (4378)